



MAÇANEIRO, SCHEILA. **De como cadeiras se movem: uma experiência a/r/tográfica no Canadá.** Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná. Universidade Estadual de Campinas; Doutorado; Márcia Strazzacappa Hernandez

RESUMO

O presente texto é um relato de experiência a/r/tográfica no Canadá. Por meio da metodologia de pesquisa educacional baseada nas artes, a/r/tography, proposta por Rita Irwin, professora pesquisadora da Universidade da Columbia Britânica em Vancouver, há um entrelugar educacional que proporciona aos artistas/pesquisadores/professores existirem em contigüidade, num híbrido despertar texto-corpo.

PALAVRAS-CHAVE: a/r/tografia: dança: estágio

ABSTRACT

This text is an account experience of a/r/tography in Canada. Through the arts based educational research methodology, a/r/tography, proposed by Rita Irwin, researcher teacher at the University of British Columbia in Vancouver, there is an in-between educational space that gives artists/researchers/teachers exist in contiguity, a hybrid text-body wake.

KEYWORDS: a/r/tography: dance: internship

Foi instigação a primeira vista... O primeiro texto para leitura sugerido no início de meu doutorado, fazia parte do livro *Interterritorialidades, mídias, contextos e educação* (2008), organizado por Ana Mae Barbosa e Lillian Amaral e se chamava, "A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica", escrito por Rita Irwin (2004). Mesmo sem nunca ter ouvido ou lido sobre esse termo, me recordo o quanto fiquei intrigada por aquela metonímia. Palavras como questionamento vivo, mestiçagem, metáforas, texto, imagem, fronteiras entre outras, iam e vinham numa leitura provocante e começaram a fazer parte do meu imaginário juntamente com uma extrema curiosidade. Moviada por essa sensação, busquei informações sobre a autora do texto. E em delírios de pesquisadora, me perguntei: Por que não mandar um email para a autora, falando da minha curiosidade e quem sabe da possibilidade de um diálogo mais concreto?

Para a minha grande surpresa, ela me respondeu no dia seguinte. Daquela resposta ao meu embarque foram dez meses de preparação. Minha

mala para o Canadá continha toda a minha trajetória artística-acadêmica, desde a graduação em Educação Física e Dança, minha formação como bailarina da escola do Teatro Guaíra, passando pelos anos de docência no Curso Superior de Dança, Teatro, Artes Visuais e Música da Faculdade de Artes do Paraná (FAP) assim como o absoluto comprometimento com uma pedagogia crítica aplicada à Dança no ensino básico, caminho esse, defendido em meu mestrado. Entretanto, o estudo de caso sobre os alunos do Curso de Dança da FAP, que atuam como professores na disciplina de Artes no ensino Regular era o mote para a pesquisa do doutorado e o que me impulsionava a vivenciar a *A/r/tografia*.

Plainando pelo Oceano Pacífico, aportei em Vancouver no Canadá... mar e montanhas numa combinação perfeita e um multiculturalismo que encanta. Na ponta oeste, por entre o verde absoluto dos cedros e das maples com suas folhas que são o símbolo do país, está a University of British Columbia (UBC). Logo que cheguei, já percebi pelo intenso movimento dos estudantes o quanto a instituição prioriza intercâmbios e relações acadêmicas com diversas universidades do mundo. Na Faculdade de Educação, o encontro com alunos estrangeiros era uma constante, situação que pela similaridade me auxiliou em minha adaptação. O primeiro contato com Rita Irwin foi marcante e sua generosidade fez com que eu me sentisse um pouco mais confiante para o desafio que eu iria encarar, afinal como disse no início, eu não sabia claramente como a Dança conviveria nesse novo ambiente.

Rita Irwin é a proponente principal juntamente com Stephanie Springgay, Carl Leggo e Peter Gouzouasis entre outros pesquisadores (SPRINGGAY, IRWIN & KIND, 2005) (IRWIN & SPRINGGAY, 2008); (SPRINGGAY, IRWIN, LEGGO, & GOUZOUASIS, 2008); (IRWIN COSSON, 2004, IRWIN, 2003), (BEARE, 2009), (LEGGO, SINNER, IRWIN, PANTALEO, GOUZOUASIS, GRAUER, 2001) da metodologia de pesquisa baseada nas artes, chamada *A/r/tografia*. Apesar de estar um pouco mais familiarizada com o termo, faltava para mim, entender como efetivamente eu poderia fazer parte de uma comunidade que a princípio é muito mais conhecida entre os artistas visuais e conseqüentemente como realizar conexões entre esse modo de pensar e a prática educativa para a Dança.

Iniciei a disciplina Arts Based Educational Research: A/R/Tography e as barras que separam essa palavra foram lentamente se movendo e se entrelaçando, como se a A/rtista (**A**rtist), a P/esquisadora (**R**esearch) e a P/rofessora (**T**eacher) se enxergassem num caleidoscópio de identidades. Não por acaso, raízes que propulsionam a A/r/tografia começaram a se bifurcar em meu pensamento. A metáfora bifurcação vem de encontro a visão do rizoma que Gilles Deleuze e Felix Guattari (2004) utilizam para provocar um pensamento de múltiplas conexões, onde significados e entendimentos são mutáveis, flexíveis, num contínuo estado de relações e reverberações. Teoria e prática se conectam e promovem uma ação crítica reflexiva, sendo a A/r/tografia um modo de provocar no artista-pesquisador- professor a necessidade cuidadosa de olhar para suas próprias práticas, numa tentativa de que se faça perceber os entre e dentre espaços do fazer arte, pesquisar arte e ensinar arte. Embricando conhecimento por meio da filosofia, fenomenologia, ética, ação educacional, estudos de gênero, pedagogia crítica, arte contemporânea e transdisciplinariedade, a a/r/tografia cresce por entre lugares não lineares, inquirindo-se a si própria.

Durante as aulas, pude apreender experiências artísticas que se teorizavam muitas vezes em um estado de tensão uma com as outras, as vezes discordando, outras complementando-se em uma constante construção de conhecimento em processo “simultaneamente no uso da linguagem, imagens, materiais, situações, espaço e tempo” (Irwin e Springgay, 2008).

Nesse ambiente de investigação viva, questões, possibilidades e desafios lançaram-se a minha frente como um caminho para se pensar a pesquisa qualitativa de maneira ainda mais humana e relacional. Sendo que a A/r/tografia é proponente desse mesmo olhar com um diferencial estético, provocadora de ressonâncias artísticas para um trabalho que é ao mesmo tempo singular e plural.

Entre os conceitos trabalhados na A/r/tografia que rapidamente pude observar está a A/r/t como mestiçagem, que oferece ao artista/professor/pesquisador um terreno fértil para vivências, exploração e transgressão de territórios. Sob uma perspectiva sócio-cultural, mestiçagem é uma linguagem de fronteira e por isso um lugar de elementos hifenizados,

complexos (Irwin, 2004). Nesse sentido, relações se estabelecem, criando comunidades híbridas, grupos de artistas que encontram na A/r/tografia algo instigante, evocativo para re-pensar, re-viver e re-fazer suas práticas estéticas pedagógicas (Irwin 2004). A necessidade do questionamento vivo, faz com que a/r/tógrafos fiquem atentos e prontos para avançarem as fronteiras de suas próprias percepções, priorizando com isso um texto flexível, utilizando da incerteza em detrimento da certeza.

Dentre tantas provocações, sentimentos ambíguos, “explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados” (Vecchi, 2004), foram tornando-se constantes, despertando novamente em mim, a possibilidade de mover minhas cadeiras... Nem somente a dança, nem o teatro, nem só Adorno, nem Deleuze, nem somente Paulo Freire, nem Giroux, especificidade, nem polivalência, nem Canadá ou Brasil, nem só pesquisa, nem somente ensino... mas atentar para um estado múltiplo, complexo, onde texto é imagem, onde físico é também psicológico, espiritual, onde dança é teatro, onde dança é música, onde dança é artes visuais, onde representação é experiência....é vida.

TROCANDO DE CADEIRAS

Todas as vezes que sentamos em uma cadeira, ou nos acomodamos muito bem ou nos incomodamos bastante. Penso que foram muitas as vezes que me incomodei e troquei de cadeiras artístico-acadêmicas,.... sentei na cadeira como aluna, depois como assistente de professora, sentei como professora, voltei a cadeira de aluna, fui para a cadeira de coordenadora e também de pesquisadora e percebi melhor agora que me mesmo sentada como aluna de doutorado, me acomodei na cadeira de supervisora, ou melhor, supervisora de estágios no ensino fundamental do Curso de Dança da FAP.

Assim me coloquei perante a A/r/tografia. A professora, supervisora, que buscava no referencial da A/r/tografia, uma metodologia que valorizasse o trabalho de docentes da Dança no ambiente educacional. Aulas e seminários, relatos e imagens, também faziam parte do material da mala para o Canadá, entretanto a imagem de mim mesma sentada em uma carteira nos fundos de

uma sala de aula, supervisionando estágios, insistia em estar em primeiro plano.

Usufruindo desses questionamentos e conseqüentemente inquirindo-me sobre minhas práticas artísticas, coloquei minha cadeira em lugar de partilha, adentrei no processo docente de meus alunos, saindo do lugar de professor, do bem orientar, mas contudo, do não preenchimento ou melhor, do esvaziamento do fazer arte, dança, no sentido mais significativo desse fazer, o de sua corporificação. Nesse sentido, as barras metafóricas do fazer, pesquisar e ensinar ultrapassaram suas fronteiras, propiciaram para mim, uma hibridação texto-corpo, onde cada fragmento da artista se uniu ao universo da Educação.

Dessa forma, busquei em Irwin e Springgay (2004), uma organização de idéias, que são os seis conceitos (renderings) ou modos de leitura da A/r/tografia, para significar e interpretar processos artísticos:

- 1- Contiguidade: lugar da ênfase na identidade do artista, pesquisador e professor existente simultaneamente e em continuidade. Relacionamentos que promovem entrelugares da arte, pesquisa e ensino, entrelugares da arte e texto, entrelugares da atividade e produção artística.
- 2- Questionamento vivo: lugar da ênfase nas práticas e experiências vivas, ênfase nas relações entre pessoas, coisas. Dados para pesquisa qualitativa provenientes de entrevistas, crônicas, diários, artefatos de coleções, escritos de jornais, fotos, documentários, investigações artísticas por meio de pintura, composição musical, performances e artefatos educacionais assim como diários de professores, jornais estudantis, narrativas e outros.
- 3- Metáfora e metonímia: lugar da ênfase na existência de novos significados e relacionamentos entrelaçados.
- 4- Aberturas: ênfase em abrir conversações e relacionamentos, não necessariamente passivos e sim abertos a tensões, contradições e resistências.
- 5- Reverberações: ênfase no movimento dinâmico favorecendo mudanças para novos significados, novas descobertas.

6- Excesso: ênfase no que está fora do aceitável.

É importante salientar que esses conceitos não são fechados e estão em permanente movimento e me auxiliaram a rever o ato constituinte de uma supervisão de estágio, mais especificamente de como pode ser um olhar que orienta futuros professores mas que continua a pensar e mover-se na disciplina de Artes do ensino fundamental. Então é a artista que se move, que pesquisa e que ensina por todos os canais, sem lugares hierárquicos, sem lugares específicos.

E como fazer essa mudança de cadeira num espaço que havia se fechado? Ou seja, minha pesquisa estava dirigida para a observação de meus alunos, tudo estava registrado em entrevistas, em fotos e um vídeo que foi pensado para mostrar aos canadenses um pouco da realidade educacional que compartilhamos entre a FAP e as escolas do ensino básico. Como entrar em algo pronto, como mover-se “entrelugares do corpo e da Arte” (2010), lugar esse que me foi primeiramente instigado no 2 Seminário Internacional de Educação Estética do Laborarte, Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação da Unicamp em 2010.

No silêncio das madrugadas geladas de Vancouver, minha mente e meu corpo trabalhavam incessantemente. No escuro e imóvel na cama, percebia que minhas memórias corporais cobravam de mim, me inquiriam a achar-me novamente. Carl Leggo (2008), de maneira brilhante nos diz da importância de pesquisar nossas vidas e viver nossas pesquisas e por esse viés... revisitei-me.

Me movi no Canadá por entre pessoas que estavam no Brasil, olhei, percebi, pesquisei, senti e escrevi sobre minha teoria e prática. A *A/r/tografia* como pesquisa baseada nas artes, promove como Barone e Eisner (2012), nos dizem, o fundamento, a base para a criação de um trabalho artístico. E Leggo (2008, p. xiv), mais uma vez nos convida a refletir que a “*A/r/tografia* transforma a idéia de teoria como um sistema abstrato distinto e separado da prática. Nesse lugar, teoria é entendida como uma troca crítica que é reflexiva, responsiva, relacional, a qual está continuamente em estado de reconstrução e tornando-se algo diferente”.

Foi preciso distanciar-me de minha habitual docência para reconstruir em mim os fragmentos do paradigma do ensino da Arte. A A/r/tografia estimulada pela autobiografia sinaliza a maneira como articulamos vivências, comportamentos, posicionamentos que não necessariamente acadêmicos mas “é como nós percebemos tempo e espaço no mundo, afetando o como nós estamos engajados nesse mundo”. Irwin and Springgay (2008, p. xxvii).

O potencial da A/r/tografia como metodologia que enfatiza a inter relação entre teoria, prática e criação, apaga fronteiras, propaga outros modos para a pesquisa baseada nas artes, possibilita escritas verdadeiras, saindo de um estado cientificamente enlatado para um lugar de permanente processo de negociações.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, A. A. M.; STRAZZACAPPA, M. M. (orgs). Entrelugares do corpo e da arte. Campinas, SP: FE/ UNICAMP, 2011
- BARONE, T; EISNER, W. E. Arts based research. Los Angeles: Sage Publications, Inc., 2012.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Albert Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BEARE, D. A/r/tography, Secondary Theatre Teaching, and The Theatre of Possibilities Project. Youth Theatre Journal, 23:162-175, 2009.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro. Ed. 34, 2004
- IRWIN, R. L. Towards an aesthetics of unfolding in/sights through curriculum. Journal of Canadian Association for Curriculum Studies, v. 1, n.2, p.1-17. 2003
- IRWIN, R. L., & de COSSEN, A. A/r/tography: Rendering self through arts-based living inquiry. Vancouver, British Columbia, Canada: Pacific Educational Press. 2004.
- LEGGO, C.; SINNER, A; IRWIN, R; PANTALEO, K; GOUZOUASIS, P; GRAUER, K. Lingering in liminal spaces: a/r/tography as living inquiry in a

language arts class. *International Journal of Qualitative Studies in Education*.
Vol.24, No.2 March-April, 239-256 - 2011

SPRINGAY, S.; IRWIN, R. L.; LEGGO, C.; GOUZOUASIS, P. (Orgs.). *Being with A/r/tography*. Rotterdam: Sense Publishers. 2008.

SPRINGAY, S.; IRWIN, R. L.; WILSON KIND, S. *A/r/tography as living inquiry through art and text*. *Qualitative Inquiry*, v 11, n.6, p. 897-912, 2005.